

Academia Pernambucana de Medicina Veterinária

INFORMATIVO

APMV

Ano 1, Nº 2, julho a dezembro de 2012

CENTENÁRIO DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS EM PERNAMBUCO FOI COMEMORADO NA UFRPE



A UFRPE celebrou recentemente o Centenário do ensino de Ciências Agrárias em Pernambuco. Da rica programação constou uma missa especial no Mosteiro de São Bento e a aposição de placa comemorativa no local onde se originaram as Escolas de Agricultura e de Medicina Veterinária, com a presença de ex-reitores, beneditinos, acadêmicos, professores e convidados. A solenidade foi recebida com grande emoção na comunidade beneditina quando a Magnífica Reitora da UFRPE, Professora Maria José de Sena, ressaltou em seu discurso a figura singular do então Abade Dom Pedro Roeser. A cerimônia eclesial foi realçada pela beleza interior do templo de São

Bento e pelos cânticos gregorianos entoados pelo coral do monastério. O campus de Dois Irmãos também serviu de palco para outras importantes comemorações: no Salão Nobre ocorreram duas outras solenidades acadêmicas marcantes, com o lançamento do Selo UFRPE 100 Anos e a entrega da Medalha e do Diploma UFRPE 100 Anos aos ex-Reitores, autoridades, técnico-administrativos, estudantes e instituições com as quais a universidade mantém parceria, dentre elas a Academia Pernambucana de Medicina Veterinária, que esteve representada pelo Acadêmico Pedro Marinho de Carvalho Neto, Secretário Geral da APMV. Outro destaque durante as festividades foi à outorga do título de Doutor Honoris Causa ao cantor e compositor pernambucano Luiz Gonzaga (in memoriam), que coincidentemente completou 100 anos no dia 13 de dezembro do corrente ano. A comunidade universitária teve a oportunidade de vivenciar outros momentos emocionantes alusivos ao calendário festivo do Centenário, que incluiu o Concurso Cultural e a Exposição Itinerante UFRPE 100 Anos e o lançamento de livros de cunho histórico e científico de autoria de professores, pesquisadores e servidores da Rural, momento este que culminou com uma prestigiada sessão de autógrafos na Biblioteca Central da UFRPE.



Editorial

Esta edição ressalta alguns aspectos da história da Medicina Veterinária em Pernambuco, cuja trajetória esteve sempre alicerçada em duas renomadas instituições que, em momentos distintos de sua existência, se dedicaram ao ensino das Ciências Agrárias: o Mosteiro de São Bento e Universidade Federal Rural de Pernambuco, cujo legado compõe o rico acervo da memória pernambucana. Estamos registrando no presente as conquistas do passado, num ato sublime para homenagear àqueles abnegados que lutaram para implantar os cursos de Agricultura e Medicina Veterinária em Olinda. Isto significa um mergulho no tempo para recordar alguns expoentes, como o Abade Dom Pedro Roeser, que corporificou o sonho beneditino de criar as Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento, os primeiros mestres alemães Doutores Hermann Rehaag e Johann Ludwig Nicolaus e o farmacêutico e professor baiano Dionysio Costa Meili, que se tornou o primeiro Médico Veterinário diplomado no Brasil. As duas Escolas percorreram caminhos diversos antes de chegar a Dois Irmãos, onde foram incorporadas pela atual Universidade Federal Rural de Pernambuco. Parte dessa história pode ser lida nas obras lançadas recentemente pela UFRPE “A Medicina Veterinária no Tempo Beneditino: Notas para sua História”, de autoria do Acadêmico Gilvan de Almeida Maciel e “Prédio Reitoria da UFRPE: Resgate Histórico 1935 - 2009”, organizada pela Bibliotecária Conceição Martins e a Professora Maria do Rosário de Fátima de Andrade Leitão.

A APMV participou ativamente da programação do Centenário, a qual englobou a posição de placa comemorativa na igreja do Mosteiro de São Bento, em Olinda, lançamento do Selo UFRPE 100 Anos, entrega da Medalha UFRPE 100 Anos, concessão do Título de Doutor Honoris Causa e exposição em homenagem ao cancionista Luiz Gonzaga e lançamento de vários livros. Para nosso regozijo, a Academia figurou entre as instituições agraciadas com a Medalha e o Diploma UFRPE 100 Anos.

Registramos, com destaque, a solenidade comemorativa do 11º Aniversário de Instalação da APMV, realizada em 30 de novembro, último, durante a qual também foi celebrado o Cinquentenário da Turma de Médicos Veterinários de 1962, da antiga Escola Superior de Veterinária da Universidade Rural de Pernambuco, e a posse do novo Acadêmico José Alberto Simplício de Alcântara. A concorrida festividade contou com a prestigiosa presença de várias autoridades, dentre as quais a Magnífica Reitora da UFRPE, Professora e Acadêmica Maria José de Sena, o Presidente do Conselho Federal de Medicina Veterinária, Dr. Benedito Fortes de Arruda e a Presidente do CRMV-PE, Dra. Erivânia Camelo de Almeida. Dando sequência a veiculação de matérias de cunho técnico-científico, o periódico publica dois artigos de grande interesse para a Medicina Veterinária, no âmbito da Reprodução Animal e da Medicina de Animais de Laboratório.

Após um ano marcado por muito trabalho e várias realizações, eis que chegamos à época dos festejos natalinos, momento em que sentimos a necessidade de promover reflexões sobre os desafios e as conquistas obtidas, no plano individual e coletivo, em prol de uma sociedade mais justa e fraterna. Através do Informativo APMV gostaríamos de desejar aos Médicos Veterinários, como integrantes da valorosa plêiade de seres humanos de boa vontade, um Feliz Natal e um Venturoso Ano Novo!



Expediente

Diretoria

Alberto Neves Costa
Presidente
Pedro Marinho de Carvalho Neto
Secretário Geral
João Emílio Cruz
Tesoureiro
Murilo Salgado Carneiro
Diretor de Biblioteca e Arquivo
Paulo José Elias Foerster
Diretor de Patrimônio

Conselho Fiscal

Titulares
João Pessoa de Souza
Murilo Salgado Carneiro
Mabel Hanna Vance Harrop

Suplentes

João Emílio Cruz
Abdízio Moraes de Araújo Lemos
Arthur Roberto Lapa de Carvalho

Comissões Permanentes

Resgate Histórico
Gilvan de Almeida Maciel
Paulo José Elias Foerster
José de Carvalho Reis

Admissão

Maurício Bandeira Castelo Branco
João Pessoa de Souza
Murilo Salgado Carneiro

Cerimonial

João Emílio Cruz
Marcelo Weinstein Teixeira
Abdízio Moraes de Araújo Lemos

Científica

Roberto Soares de Castro
Tomoe Noda Saukas
Mabel Hanna Vance Harrop

Editoração e Difusão Cultural

Marcelo Weinstein Teixeira
Paulo Ricardo Magnata da Fonte
Rafael de Souza Guedes Filho

Conselho Editorial

Alberto Neves Costa - Editor
Acadêmicos da APMV

Diagramação

Gleudson Passos de Souza
Periodicidade: semestral
Endereço: Rua Conselheiro Theodoro, 460
Zumbi, Cep 50711-030 Recife - PE
Fone: (81) 3797.2517 Fax: (81) 3797.2523

Notícias da Academia

APMV COMEMORA ANIVERSÁRIO E HOMENAGEIA MÉDICOS VETERINÁRIOS

Durante concorrida solenidade realizada no dia 30 de novembro, no auditório da Associação de Criadores de Pernambuco, a APMV celebrou o seu 11º Aniversário de Instalação, com a prestigiosa presença de autoridades, convidados e colegas. Durante o discurso de abertura da cerimônia o Acadêmico Alberto Neves Costa, Presidente da Academia, teceu considerações sobre a profícua trajetória da Academia desde os trabalhos iniciais desenvolvidos pela Comissão de Estudos e Gestão designada à época pelo Presidente do CRMV-PE, Dr. Gerson Harrop Filho, para fundar a nova entidade vinculada a Medicina Veterinária Pernambucana. Destacou que este marco histórico materializou-se no dia 14 de junho de 2001, Dia consagrado a Santo Eliseu, tido como Patrono dos Médicos Veterinários, com a fundação da APMV e posse dos Acadêmicos Fundadores, no auditório da secular



Mesa Diretora formada pelo Acadêmico Alberto Neves Costa (Presidente da APMV), ladeado à direita pela Profa. Maria José de Sena (Reitora da UFRPE) e Dr. Naour Gueiros (Superintendente Adjunto do MAPA/PE) e à esquerda pelo Dr. Benedito Fortes de Arruda (Presidente do CFMV), Dra. Erivânia Camelo de Almeida (Presidente do CRMV-PE) e Dr. Warner Silva (Diretor da ACP)



O Presidente do CFMV entrega o Diploma ao Dr. Aggeu Guaraná Tabosa

Academia Pernambucana de Letras. Outro momento emocionante da sessão solene foi a homenagem prestada pela APMV a Turma de Médicos Veterinários de 1962, no ano do Cinquentenário de formatura pela Escola Superior de Veterinária da antiga Universidade Rural de Pernambuco, com a concessão do Diploma de Honra ao Mérito. Como a maioria dos seus componentes já se encantou, a Turma foi representada pelos Doutores Aggeu Guaraná Tabosa e Odon Antão de Alencar e seus familiares, sendo que dois dos colegas que partiram foram representados pelos seus filhos: o Dr. Demétrio Gerônimo da Silva pelo seu homônimo e o Dr. José Pacheco Lima Diniz pela sua filha Roseana

Teresa Diniz de Moura, Médica Veterinária e Professora do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE. A entusiástica saudação acadêmica aos homenageados coube ao Acadêmico Roberto Soares de Castro; discursou em nome da Turma o Dr. Odon Antão de Alencar, um saudosista oriundo dos baixios do Piauí, que na oportunidade relembrou momentos marcantes da vida acadêmica de cada um dos seus colegas, exaltou a memória dos que partiram e destacou a atuação exemplar de alguns



O Presidente da APMV entrega o Diploma ao Dr. Odon Antão de Alencar

mestres durante os idos da vida estudantil no campus de Dois Irmãos.

Novo Acadêmico Toma Posse Na APMV



Presidente da APMV empossa o Acadêmico José Alberto Simplício de Alcântara

A sessão solene comemorativa do 11º Aniversário de Instalação da APMV foi coroada em grande estilo com a posse do Acadêmico JOSÉ ALBERTO SIMPLÍCIO DE ALCÂNTARA, o qual foi introduzido no auditório pelos confrades Gilvan de Almeida Maciel e Paulo Ricardo Magnata da Fonte. O fato de Alberto Simplício ser tido como um profissional de grande prestígio na clínica de pequenos animais em Pernambuco contribuiu para que a cerimônia fosse prestigiada por um número expressivo de colegas e familiares, vários deles residentes nos estados de Sergipe e da Paraíba, sua terra natal. Seguindo o ritual solene da APMV, ele proferiu o compromisso acadêmico: “Assumo a Cadeira nº 24, da Academia Pernambucana de Medicina Veterinária, prometendo, solenemente, sob a fé do meu grau de Médico Veterinário e sob a inspiração do lema COM LOUVOR, exercer o meu ministério de Acadêmico, com todo o devotamento e desvelo, dignificando os que figuram como Patronos desta casa e visando ao engrandecimento da história da

Medicina Veterinária”. Em seguida, o novo Acadêmico Titular foi empossado pelo Presidente Alberto Neves Costa e recebeu a Medalha e o Diploma Acadêmico, momento em que foi ovacionado pela audiência. A saudação em nome da Academia coube ao Confrade João Emílio Cruz, Tesoureiro da entidade, reconhecido especialista na clínica e cirurgia

de pequenos animais e grande amigo do recém-empossado. Na sua alocução, João Emílio destacou a figura humana e profissional do novo Acadêmico e as realizações conjuntas que alcançaram na Anclivepa/PE; fez também uma alusão ao fato de sendo piauiense ter escolhido o Recife para exercer a Medicina Veterinária, onde foi muito bem recebido por todos. Relembrou, ainda, uma série de colegas da especialidade que muito contribuíram na vida profissional de ambos. Visivelmente emocionado, o Acadêmico Alberto Simplício proferiu o seu discurso, descrevendo sua trajetória de vida desde os tempos de infância e juventude em seu torrão natal, a Paraíba, momento em que enalteceu a figura e o exemplo dos seus pais e os laços fraternos com os irmãos e irmãs; agradeceu em especial a sua esposa Ivanise, aos filhos e aos sogros pela união familiar. Também destacou o apoio e a convivência com colegas e amigos desde



Saudação do Acadêmico João Emílio Cruz ao novo integrante da Academia

a sua chegada a Pernambuco, ao que creditou boa parte do êxito alcançado em suas atividades profissionais. Como seu ex-aluno na UFRPE, ressaltou a figura do Patrono da Cadeira nº 24, o saudoso Professor Inaldo da Silva Fraga, mestre na área de cirurgia de pequenos animais. Demonstrou regozijo pelo ingresso na Academia Pernambucana de Medicina Veterinária, visto que já mantinha laços fraternos com a maioria dos seus acadêmicos. Dotado de grande talento e sensibilidade para a música, o novo Acadêmico aproveitou o coquetel de conagração, então animado por um conjunto, para ocupar um espaço na agenda do grupo e, assim, demonstrar seus dotes ao cantar e tocar ao violão alguns grandes clássicos da música popular brasileira.

ACADÊMICO JOÃO PESSOA DE SOUZA

Natural de Caruaru, a Terra do Mestre Vitalino, o nosso entrevistado cursou o secundário no Colégio Oswaldo Cruz e, depois, diplomou-se em Medicina Veterinária na Escola Superior de Veterinária da antiga Universidade Rural de Pernambuco, em 1958. Graças ao seu perfil de líder marcou presença na política estudantil como Presidente do Diretório Acadêmico da citada Escola. Iniciou sua vida profissional como Chefe do Posto Agropecuário do Ministério da Agricultura, no município de Afogados da Ingazeira, no sertão pernambucano.

Identificado com as questões relacionadas com a profissão e a agropecuária nordestina, João Pessoa de Souza exerceu cargos de grande relevância na vida pública, tais como Conselheiro Efetivo do Conselho Federal de Medicina Veterinária, Secretário de Agricultura de Pernambuco, Superintendente Adjunto da SUDENE e Representante da Autarquia nos Conselhos Deliberativos do GERAN, DNOCS e COLONE. Na busca de novas experiências profissionais, ele realizou viagens de estudo a diversos países, em especial aqueles situados em regiões tropicais. Como técnico de grande espírito associativo, tem desenvolvido um excelente trabalho junto aos pecuaristas da Região, onde foi fundador e primeiro Presidente da Associação Brasileira de Criadores de Caprinos, e atua como conceituado Árbitro de diferentes espécies de interesse zootécnico: bovinos, equídeos e caprinos, em exposições e certames nacionais e internacionais.

Atualmente, é membro do Conselho Estadual do Meio Ambiente (CONSEMA), Representante do SENAR no Conselho Deliberativo do SEBRAE/PE, Presidente do Conselho Deliberativo Técnico da raça Campolina, em Belo Horizonte/MG e exerce a atividade de criador de bovinos Girolando, em Custódia/PE. Sem sombra de dúvida, o Dr. João Pessoa de Souza se constitui numa figura singular pela sua dedicação a agropecuária do Nordeste e representa um exemplo a ser seguido pelas novas gerações de Médicos Veterinários.

1. Após ter sido diplomado pela saudosa Escola de Veterinária da Universidade Rural de Pernambuco, como foi o início de sua bem sucedida trajetória profissional?

JPS. Fui diplomado em 6 de dezembro de 1958. Iniciei a minha carreira profissional como técnico do MAPA à época Ministério da Agricultura, como Chefe de Posto Agropecuário, no caso o Posto de Afogados da Ingazeira. Ao mesmo tempo, efetuava registros

genealógicos de zebuínos e eqüídeos (raças Campolina, Mangalarga Marchador e jumentos Pega), sob a supervisão do saudoso Médico Veterinário Prof. Renato de Andrade Moraes. Esta atividade de julgamentos, eu ainda exerço como árbitro da raça Campolina. Saí do Ministério da Agricultura em 1962, ingressando na SUDENE onde me aposentei em 1992.



2. Poderia relembrar alguns ilustres professores que serviram como referência na sua formação profissional e que naquela época ocuparam lugar de destaque na Medicina Veterinária pernambucana?

JPS. A lista é longa, porém vale lembrar: Humberto Vernet, Tarcísio Travassos, Luiz de Melo Amorim, Murilo Salgado Carneiro, José Wanderley Braga, Jarbas Ibiapina, Antonio Andrade e o já citado Renato Moraes.

3. Tendo ocupado cargos de grande relevância na agropecuária pernambucana e nordestina, principalmente como Secretário da Agricultura de Pernambuco e Superintendente Adjunto da SUDENE, mas também como produtor rural, como o Senhor analisa o impacto provocado pela seca cíclica que dizima rebanhos e penaliza os pecuaristas e a população do semi-árido?

JPS. Acho que o impacto causado pela seca é reflexo da nossa imprevidência nos ensinamentos bíblicos. José do Egito salvou os egípcios de uma grande crise estocando alimentos. É o que nos falta. Não temos a tradição da estocagem, como os nórdicos. Muito mal guardamos alguma semente, mas estocar forragem poucos fazem. Sofremos bastante com a ausência da palma forrageira, dizimada pela cochonila introduzida pelo Estado, através do IPA. E, estaremos à mercê de nova calamidade se não encontrarmos uma variedade de palma resistente àquele inseto. Por outro lado, a finalização da transposição do São Francisco impõe-se como medida extrema na distribuição de água.

4. Sendo considerado um grande conhecedor da pecuária regional, inclusive como juiz de renome em exposições de animais e concursos leiteiros, gostaríamos de saber vossa opinião acerca da qualidade genética e produtiva dos nossos rebanhos?

JPS. Destacaria a excelente qualidade do rebanho Holandês. Menciono também o rebanho Gir. O plantel Nelore sofreu um grande impacto com o fechamento das nossas fronteiras por causa da proibição de trânsito que, felizmente, deve ser liberado no próximo ano. O Guzerá apresentou uma melhora significativa nos últimos 5 anos. Infelizmente, o Girolando está estagnado.

5. Sabe-se que o sucesso do agronegócio brasileiro depende da formulação de políticas públicas voltadas para a conquista de mercados. Em se tratando da região Nordeste, com ênfase em Pernambuco, que avanços o setor vem registrando em termos de competitividade e oferta de produtos regionais?

JPS. Este é um ponto delicado. Em Pernambuco encontramos contrastes gritantes na agropecuária. Saímos, por exemplo, de um emprego de alta

tecnologia na fruticultura irrigada e seus satélites (pack house), para uma caprino-ovinocultura que remonta aos primórdios da Casa da Torre. O nosso queijo de coalho está necessitando de melhor tratamento como principal produto da bacia leiteira. Falta-nos uma melhor estrutura de abatedouros.

6. Com base na sua vasta experiência técnica e gestora, gostaríamos que sugerisse um perfil desejável para os futuros Médicos Veterinários que buscam ocupar postos de trabalho nas cadeias produtivas da pecuária regional.

JPS. Diria aos futuros colegas que somos nós, Médicos Veterinários, que fazemos nossa profissão ser acolhida e respeitada pela sociedade. Não podemos ficar indiferentes ou omissos diante dos graves problemas ecológicos que estão em debate. Acredito que as áreas de clínica, reprodução, bem-estar animal, ecologia e saúde pública deverão fornecer maiores oportunidades de atuação. É evidente que isto depende da vocação de cada um. Por fim, quero dizer que a pior situação para um profissional é trabalhar onde não se sente bem. Saia daí, pois vai se arrepender amargamente. Não é o meu caso.

In Memoriam

Acadêmico ARTHUR ROBERTO LAPA DE CARVALHO

* 18.02.1931 + 17.12.2012

Registrar um falecimento representa uma atribuição das mais difíceis, em particular quando se trata de um colega e amigo. O nosso querido confrade Arthur Lapa, como era conhecido, destacou-se pelo companheirismo, abnegação e tenacidade em prol das causas justas, em especial àquelas voltadas para a valorização da docência universitária. Isto ficou bem claro na sua militância junto a Associação dos Docentes da UFRPE, onde exerceu diversos cargos: tesoureiro, secretário, vice-presidente e presidente. Sua atuação eficiente sempre foi reconhecida por todos os colegas e o grande feito da sua gestão na presidência materializou-se na construção da sede da ADUFERPE, denominada a Casa do Professor. Sua diplomação pela antiga Escola Superior de Veterinária da Universidade Rural de Pernambuco, em 1957, e posteriormente de mais dois dos seus irmãos, teve como forte motivação o fato do pai ter se formado em Medicina Veterinária pela Escola Superior de Medicina Veterinária de São Bento, em Olinda. Sua trajetória profissional foi recheada de passagens marcantes, pois

atuou na Inspeção de Defesa Sanitária Animal, na SUDENE e posteriormente na UFRPE, onde foi por muitos anos professor e também Vice-Diretor do Departamento de Zootecnia, além de ter prestado consultoria a empresas agropecuárias do Nordeste. Conforme revelado em mais de uma oportunidade e a diferentes interlocutores, Arthur Lapa concretizou o sonho de ingressar na Academia Pernambucana de Medicina Veterinária, onde foi o 2º ocupante da Cadeira nº 01, cujo patrono é o ilustre Professor Aduino Cavalcanti da Silva.

Na convicção de que sua missão em vida foi cumprida com honradez e dignidade, cabe-nos externar a família enlutada, em especial a Senhora Heloísa Pinto Lapa de Carvalho e filhos, todo o pesar da classe médico-veterinária e da Academia Pernambucana de Medicina Veterinária pelo passamento deste abnegado Confrade.



Dionysio Meili: Primeiro Médico Veterinário do Brasil

Gilvan de Almeida Maciel *

Dionysio Costa Meili nasceu em 8 de outubro de 1882, natural de Salvador, diplomado em Farmácia, em 5/6/1907 pela tradicional Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia. Jovem, inteligente, loquaz, com um bom discurso na ponta da língua, veio a Pernambuco em busca de trabalho. Estava iniciando o ano de 1913.

Estava D. Abade às voltas com graves problemas relacionados com o funcionamento de dois cursos superiores, sem contar com mão-de-obra especializada, valendo-se apenas da boa vontade dos seus monges e dos bons conhecimentos de jovens profissionais ainda inexperientes, quando lhe bate à porta o moço da Bahia. A presença do jovem farmacêutico foi um achado na medida em que, de certa forma, viria aliviar um pouco o trabalho do professor Médico Veterinário alemão, Hermann Rehaag, contratado para treinar e preparar os monges nas lides do ensino. Mas, a Escola deveria iniciar suas atividades apenas em 1914. O Dr. Dionysio não tinha pressa e propôs ao D. Abade fazer o curso de Medicina Veterinária, em caráter especial e em tempo reduzido, porquanto muitas das matérias ele já havia cursado na Bahia. A engenhosa solução proposta agradou de imediato a D. Pedro Roeser que, arguto e inteligente, à submeteu a Congregação sendo a admissão aprovada e considerada como “grande favor”. O Vice-Direitor, D. João Kherle, ficou responsável pela sua preparação, através de “aulas particulares” e sob a supervisão de Dr. Hermann Rehaag, que viera da Alemanha com essa incumbência. Cursou, Dionysio Meili, todas as matérias que lhe eram estranhas com rara desenvoltura e grande aproveitamento. Finalmente chegou a hora de provar que a inusitada concessão da Congregação, rotulada, sem ofensa, como “grande favor”, fora correspondida. Veja-se como descreve o Padre Jonas Taurino de Andrade essa etapa final do aluno Dionysio: “Convém deixar em relevo ad memoriam o exame do primeiro Médico Veterinário, o Sr. Dr. Dionysio Meili. Fez todas as provas escritas requeridas pela Escola, apresentou um preparado anatômico-patológico de sua lavra, fez a regular inspeção de um animal abatido no matadouro de Olinda e deu, por escrito, o seu parecer sobre o caso, pelo qual foi admitido à oral sendo interrogado durante hora e meia pelos professores Dr. Hermann Rehaag, Dom João Kherle e Dom Dunstano Saupp. Somente depois dessa longa prova é que a 13 de novembro lhe foi conferido o diploma de Médico Veterinário, em cuja cerimônia o Exmo Sr. Governador do Estado, General Dantas Barreto, se fez representar pelo seu Ajudante de Ordens Capitão Martiniano Correia. Ali estava o venerando Abade de São Bento, D. Pedro Roeser, contemplando a produção de seu fruto primogênito Dr. Dionysio Meili”. A simpática descrição do Padre Jonas Taurino está oficialmente consubstanciada e registrada no livro de protocolo dos exames médico-veterinários.

O ano de 1915 foi particularmente recheado de distintos acontecimentos para Dionysio Meili, não só pela importantíssima ocorrência de sua colação de grau em

novembro, mas também pela sua estreia como lente catedrático de farmacologia e farmacognosia, cuja admissão se dera em 15 de dezembro do ano anterior. Tornara-se portanto, “doublé” de aluno e professor.

Diploma de Médico Veterinário na mão, o lente Farmacêutico Dionysio Meili acumula outras atividades docentes, agora como professor também de Parasitologia, além é claro, de Farmacologia e de Farmacognosia. Mais tarde, a Congregação da Escola atribuiu-lhe Obstetrícia e aquela que marcaria sua presença na Escola por muitos anos: Inspeção de Carnes e Medicina Legal Veterinária. Segundo relato, em destaque, do Diretor da Escola “as aulas práticas tinham lugar nos estábulos do Recife e no Matadouro Modelo, debaixo da direção do competente Médico Veterinário e Catedrático da Escola, Dr. Dionysio Meili, sendo este ilustre Clínico, o primeiro Chefe da Fiscalização do Leite e Estábulos no Recife, quem levava os alunos todas as semanas para sua repartição, para os estábulos, ordinariamente tão ricos em casuística veterinária, e para o Matadouro Modelo, onde por várias vezes viram e examinaram reses abatidas”. De qualquer forma, a partir de 1920, novas disciplinas lhe eram atribuídas, como Higiene e Zootecnia, certamente acumulando com as tradicionais Farmacologia, Farmacognosia e Inspeção de Carnes e Medicina Legal Veterinária, além de Anatomia Comparada, Zootecnia e Higiene. Observa-se, diante da variação de professores e matérias, de um ano para outro, que as coisas não andavam bem na instituição. A Escola, transferida para Tapera, em 1924, deixou para trás os membros civis do seu corpo docente, inclusive o Professor Dionysio Meili, o mais veterano.

Característica marcante em Dionysio Meili era o seu dom oratório. Teve oportunidades de pronunciar vários discursos saudando personalidades ilustres ou em solenidades de formatura. Tendo D. Pedro Roeser viajado para a Europa, quando do seu retorno a Congregação se reuniu em sessão especial, ocasião em que foi ele saudado pelo Professor Dionysio Meili, representando o corpo docente, “empolgando a assistência pelo espaço de vinte minutos”. Dois meses depois, faria novo discurso de saudação ao Dr. José Rufino Bezerra Cavalcanti, Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, que fora visitar a Escola e saíra vivamente impressionado com o que vira. Discursou, ainda, na solenidade conjunta de sua colação de grau e entrega de diplomas de “Physicum” aos quatro acadêmicos da primeira turma de Medicina Veterinária que haviam concluído as matérias básicas do 1º. e 2º. anos. Naquela solenidade, “produziu vibrante discurso”. No final do ano, ainda Governador, esteve em visita à Escola o General Emíldio Dantas Barreto, ocasião aproveitada por Dionysio Meili para proferir mais um dos seus entusiásticos discursos laudatórios.

Por conta de sua atividade de professor civil e certamente, também, pela extroversão característica dos baianos fazendo-se apresentar nas solenidades como orador entusiasta que era. É o que se observa



no quadro de formatura da 1ª. turma de Médicos Veterinários (1917), onde aparece como representante do 3º. e 4º. anos, ou no da 2ª. turma (1918), quadro conjunto de dois cursos, constando os novos Médicos Veterinários, Agrônomos e Engenheiros Agrônomos, em que surge como representante do corpo docente da Escola Superior de Medicina Veterinária. Mais tarde (1921), seria eleito para o cargo de Vice-Presidente do Centro Acadêmico de Medicina Veterinária, o qual ao lado do de Presidente, ocupado pelo Diretor Geral, era privativo de membro do corpo docente.

Além das atividades docentes e das qualidades de orador inspirado, na sua vida particular foi clínico, e Veterinário da Fiscalização de Leite e Estábulos, da Diretoria de Higiene do Estado (atual Secretaria de Saúde), depois transferido para a Secretaria de Agricultura.

Dionysio foi casado com a Sra. Irma Melo, tendo o casal apenas uma filha, Solange Meili, que foi secretária da Faculdade de Direito da UFPE. Solange faleceu antes da mãe, tendo esta ido morar, sem Dionysio, com a irmã Acidália. Já velho e viúvo, Dionysio foi morar na casa da cunhada, onde faleceu.

Com a fundação da Academia Pernambucana de Medicina Veterinária, em 14 de abril de 2001, Dionysio Meili ingressou na Cadeira no. 6 do quadro de Patronos, cujo ocupante é o Acadêmico Fundador Titular Alberto Neves Costa.

* Acadêmico Fundador Titular e ex-Presidente da APMV.

Ultrassonografia na Reprodução em Éguas

Aurea Wischral, Médica Veterinária, Professora Associada do Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE Recife/PE

Nos mamíferos, os ovários sofrem modificações anatômicas e funcionais resultantes do crescimento e regressão de folículos e corpo lúteo durante um ciclo estral. As ondas foliculares caracterizam o crescimento folicular sincronizado, sendo que, durante um intervalo interovulatório ocorrem ondas menores, em que o folículo não chega a ovular, e ondas maiores com a definição de um folículo dominante e consequente ovulação (Ginther, 1995). Equinos, bovinos e humanos apresentam similaridades nos padrões da dinâmica dos folículos antriais (Ginther et al., 2001) além de serem espécies preferencialmente monovulatórias.

Na égua, o folículo dominante que chega a ovular é proveniente da onda folicular que se inicia na metade do intervalo interovulatório. Embora o crescimento dos folículos de uma mesma onda seja similar por alguns dias (Gastal et al., 2004), quando dois deles atingem, em média 22,5 e 19,0 mm, ocorre a chamada divergência nas taxas de crescimento. Neste ponto começam a ser definidos o folículo dominante e o subordinado (Gastal et al., 1999, Ginther et al., 2004). Enquanto o folículo dominante mantém um crescimento constante até um ou dois dias antes da ovulação, os demais (subordinados) crescem em taxa reduzida e regridem (Gastal et al., 2006a, Gastal et al., 2006b).

As técnicas de diagnóstico por imagem têm contribuído sobremaneira para o entendimento da fisiologia e diagnóstico de patologias na clínica veterinária e também na reprodução animal. A ultrassonografia mais usual é em modo-B, que mostra a imagem em tempo real refletida no monitor em graduações de cinza, indo do preto ao branco. Mais recentemente, os aparelhos portáteis estão sendo produzidos com as tecnologias color-Doppler e Power-Doppler. Nestes equipamentos é possível avaliar o fluxo sanguíneo, em diferentes órgãos, inclusive a vascularização em nível capilar de uma pequena estrutura como o folículo ou o corpo lúteo.

O exame ultrassonográfico tem sido um poderoso aliado para o acompanhamento do crescimento folicular, especialmente em éguas, cujo período estral é mais longo (em torno de 7 dias) sendo mais difícil precisar o momento da ovulação.

No período pré-ovulatório, o diâmetro folicular, medido pela ultrassonografia, pode atingir até 45 - 50 mm, sendo mais comum a ovulação ocorrer quando o folículo atinge em torno de 40 mm (Ginther et al., 2008). As alterações foliculares que caracterizam a ovulação eminente podem ser visualizadas na ultrassonografia modo-B (Fig. 1) e correspondem a (Gastal et al., 2006a, Ginther et al., 2007):

- uma banda anecoica entre as camadas de células da granulosa e da teca interna se forma ao redor de 3 dias antes da ovulação;
- o diâmetro folicular tende a diminuir nas últimas 4 horas antes da ovulação;
- o folículo perde a forma esférica;
- a camada de células da granulosa apresenta-se mais espessa e com forma serrilhada, esta é mais evidente na região correspondente à base do folículo do que no ápice;
- presença de pontos hiperecoicos dispersos no fluido folicular.



Figura 1. Características foliculares que denotam a proximidade da ovulação. A- camada granulosa com banda anecoica (setas); B- forma folicular alongada; C- camada granulosa com área serrilhada. Foto cedida e autorizada (Gastal et al., 1998).

O aumento na espessura da camada granulosa é resultado do acúmulo de material mucoide entre as células. A camada interna da teca é mais vascularizada do que a externa e as alterações vasculares observadas no período pré-ovulatório incluem edema, hemorragia, hiperemia, eosinofilia e o aumento no número de vasos sanguíneos (Kerban et al., 1999). As imagens de color-Doppler mostram sinais dispersos na banca anecoica da parede folicular indicando a rede capilar que circunda o folículo e o percentual da circunferência do

folículo apresentando estes sinais é também diminuída nas últimas horas que precedem a ovulação, juntamente com a proeminência da banca anecoica (Gastal et al., 2006a; Ginther et al., 2007).

Por outro lado, folículos anovulatórios não irão apresentar o aumento na banda anecoica nem na ecotextura da camada granulosa (Chan et al., 2003). Estas características são muito úteis na prática de acompanhamento folicular, permitindo identificar um folículo em crescimento e diferenciá-lo de outro que poderá estar em processo de atresia. Ainda, identificar o momento ótimo para inseminar a égua, através dos sinais de ovulação eminente.

Pesquisas têm demonstrado que o padrão de vascularização folicular está diretamente correlacionado com o padrão de vascularização do subseqüente corpo lúteo (Fig. 2). Isto é muito importante na seleção de doadoras, podendo-se escolher aquelas com maior vascularização folicular, o que poderá significar um corpo lúteo mais vascularizado e possivelmente com maior capacidade de produção hormonal. Estudos realizados em ovários de bovinos demonstraram que a vascularização do corpo lúteo está positivamente relacionada com a produção de progesterona e pode refletir as características funcionais, morfológicas e endócrinas do corpo lúteo bovino (Matsui e Miyamoto, 2009).

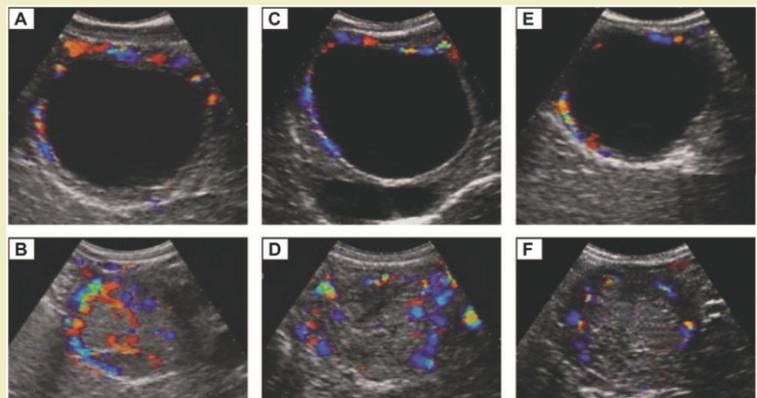


Figura 2. Imagens de ultrassonografia Color-Doppler de folículos pre-ovulatórios (FPO) e respectivos corpos lúteos (CL) de três éguas. FPO e CL com alta (A, B), média (C, D) e baixa (E, F) vascularização. Foto cedida e autorizada por E.L. Gastal.

Além do acompanhamento folicular, a ultrassonografia é uma técnica fundamental para o diagnóstico precoce da gestação equina. Considerando a possibilidade de perdas embrionárias na fase inicial da gestação, se o diagnóstico for realizado logo no início, as providências necessárias poderão ser tomadas com brevidade e a égua poderá ser aproveitada ainda na mesma estação reprodutiva. Outro aspecto importante para a espécie equina é o fato da gestação gemelar raramente ir a termo e portanto deve ser interrompida o mais cedo possível.

A gestação equina pode ser diagnosticada por ultrassonografia a partir de 9 dias após a inseminação/acasalamento, usando transdutores de 5 a 7,5 MHz (Hafez and Hafez, 2004). Nesta fase a gestação é caracterizada por uma pequena vesícula anecoica (escura), com aproximadamente 10 mm de diâmetro e que pode se movimentar na luz uterina até o 16º dia da gestação, após o 19º dia o embrião já pode ser visualizado (Ginther, 2007).

Além das condições fisiológicas, patologias como a síndrome do folículo hemorrágico pode ser avaliada em éguas, nestes casos o folículo não ovula e se forma um hematoma no seu interior. Pela ultrassonografia convencional modo-B não é possível diferenciar um folículo que vai ovular ou se tornar hemorrágico, no entanto, pela ultrassonografia Doppler, pode-se observar uma maior intensidade de vascularização na parede dos folículos que não irão ovular (Ginther, 2007).

Em resumo, a ultrassonografia modo-B é uma importante ferramenta para a prática da reprodução equina, especialmente na avaliação da foliculogênese, corpo lúteo e gestação precoce.

* Referências (com a autora através do e-mail: aurea@dmv.ufrpe.br

Responsabilidade Técnica do Médico Veterinário em Biotérios

Gerlane Tavares de Souza Chiarotto, Médica Veterinária, RT do Biotério do Aggeu Magalhães/Fiocruz, Recife-PE.

O Médico Veterinário tem sua atuação na ciência de animais de laboratório legitimada desde 1969, com a publicação do Decreto nº 64.704, de 17 de junho de 1969, o qual trata como áreas de sua competência privativa a assistência médica aos animais de laboratório e a direção técnico-sanitária dos estabelecimentos de experimentação animal. A atuação do Médico Veterinário na área de Responsabilidade Técnica foi determinada pela Resolução CFMV nº. 582 de 11 de dezembro de 1994. Contudo, o tema só ganhou maior notoriedade quase 15 anos depois, com ênfase em animais de laboratório, após a publicação da Lei 11.174/2008, a qual estabeleceu procedimentos para o uso científico de animais no país e criou o Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA). O CONCEA é um órgão integrado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, de caráter normativo, consultivo, deliberativo e recursal. Em sua Normativa nº 06, de 10 de julho de 2012, trata sobre a Responsabilidade Técnica de biotérios como área de atuação do médico veterinário:

Art. 9º:

II - O Responsável Técnico pelos Biotérios deverá ter o título de Médico

Veterinário com registro ativo no Conselho Regional de Medicina Veterinária da

Unidade Federativa em que o estabelecimento esteja localizado e assistir aos

animais em ações voltadas para o bem-estar e cuidados veterinários.

Com a publicação desta normativa o tema começou a ser amplamente discutido entre bioteristas brasileiros por intermédio de listas de discussões virtuais e redes sociais. A Responsabilidade Técnica em Biotério também foi abordada no último encontro de presidentes, diretores e conselheiros do Sistema CFMV/CRMV ocorrido em Brasília, em outubro 2012. Muitas opiniões sobre remuneração, carga horária, modelo de gestão e competências, são divergentes entre os profissionais, mas há consenso sobre a importância de maiores investimentos em formação e capacitação.

A elaboração de manuais sobre Responsabilidade Técnica pelos Conselhos Regionais de Medicina Veterinária representa uma importante contribuição para orientação dos profissionais que atuam na área. Cada Conselho elabora seu manual próprio, contendo orientações gerais, atribuições

específicas de cada área de atuação e carga horária mínima a ser cumprida pelo profissional. Em consulta aos manuais de Responsabilidade Técnica editados pelos CRMVs e disponíveis on line, verificou-se que alguns manuais não contemplam o Biotério como uma das áreas de atuação. Nos manuais que se referem ao Biotério, percebe-se uma grande variação na lista de atribuições e na carga horária requerida, ademais, ainda são poucos os manuais que estão em consonância com os atuais requisitos na área de bioterismo.

A ciência de animais de laboratório está evoluindo rapidamente com uma crescente preocupação com a qualidade da pesquisa científica e com o bem estar animal. Novas técnicas, equipamentos e linhagens de animais surgem para atender a essa demanda e o Responsável Técnico (RT) precisa fazer parte do processo de avaliação dessas tecnologias. Os avanços na validação de métodos substitutivos ao uso de animais, nos animais geneticamente modificados, na gestão de biotério e pessoas, na ética em experimentação animal, na biossegurança, na biosseguridade, na logística e na qualidade, são alguns exemplos de temas emergentes do bioterismo no Brasil.

O apoio institucional é outro ponto fundamental para um bom exercício da Responsabilidade Técnica. O compromisso da instituição com o Biotério e o respeito às decisões e requerimentos do RT são fundamentais para o bom andamento dos trabalhos desenvolvidos com os animais experimentais.

Adotar uma visão mais ampla acerca da Responsabilidade Técnica, incorporando novos conceitos, pode ser um importante diferencial na carreira de um RT que atua em biotérios.



Treinamento para contenção de camundongos.

A MEDICINA VETERINÁRIA NO TEMPO BENEDITINO

Gilvan de Almeida Maciel (autor)

A criação de uma escola de Medicina Veterinária no início da segunda década do século xx tinha como característica básica não só o pioneirismo de que se revestia, mas, sobretudo, o ineditismo em nível local, regional e nacional, embora circunstancialmente estivessem cuidando de duas escolas similares no Rio de Janeiro. Assim, os beneditinos pela inspiração de Dom Abade Pedro Roeser, partilharam em Olinda, mais uma vez, de suas antecipações históricas e dos seus sonhos.

A ideia do abade viria se deparar com grandes obstáculos. Contava ele em conseguir ajuda governamental e mais: não abria mão que o ensino fosse gratuito. Com a decisão tomada, fez recrutar na Alemanha dois professores alemães: o Dr. Hermann Rehaag e o Engº Agrº Johan Ludwig Nicolaus, aqui chegados com a missão de preparar os monges beneditinos nas atividades de ensino, orientar a construção dos edifícios escolares, hospital, laboratórios e pavilhões rurais diversos.

Em 3 de novembro de 1912, foram fundadas oficialmente as Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento. O edifício escolar foi inaugurado em fevereiro de 1914 com uma grande festa. No dia seguinte, tinham início as aulas dos cursos em Olinda. A direção das Escolas, basicamente foi centralizada na figura do Diretor, Dom Pedro Roeser:

- Na 1ª fase, assessorado por um Vice-Diretor e um Secretário, da Fundação em 3/11/1912 até 5 de novembro de 1917. Foi a fase da fundação, da implantação e da estruturação das escolas. Os fatos mais relevantes foram a fundação da Escola, a construção do prédio escolar e do 1º Hospital Veterinário, a formatura de Dionysio Meili, primeiro Médico Veterinário brasileiro (1915) e da primeira turma de Médicos Veterinários do Brasil (1917).

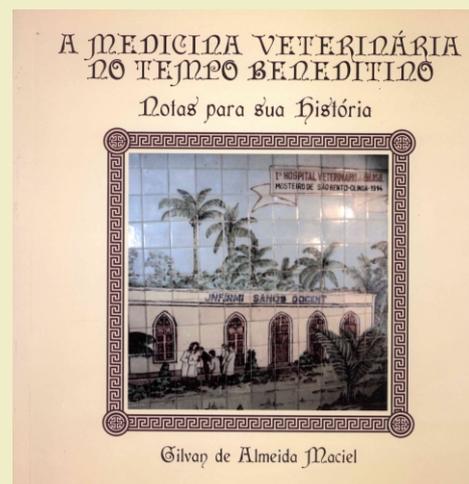
- Na 2ª fase, do Diretor Geral tendo à frente de cada Escola um Diretor e um Secretário, de 1918 a 1923. Boa notícia foi o registro no Ministério da Agricultura, tão ansiosamente esperado, mas notícias as dificuldades e preocupações causadas pelas idas e vindas de Olinda para Tapera, com a permanência dos equipamentos, instalações e dos próprios professores em Olinda e o crescente

desinteresse dos alunos em ir para Tapera.

- Na 3ª fase, com um Diretor Geral nominal e em estado de desespero, e tendo à frente o Diretor da ESA, de 1924 a 15/11/1926, com as duas escolas em Tapera, unificadas sob o título de Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento, como na fundação. Somente os alunos que ingressaram até 1923 conseguiram chegar ao fim, porquanto nenhum novo aluno se matriculou neste período.

A imprevidência, a teimosia em sustentar posições absurdas como a manutenção de um curso de Ciências Naturais “dentro” da Medicina Veterinária, a postura ditatorial do Diretor Geral, a exclusão de toda uma turma (a de 1917) sem justificativa plausível e as idas e vindas dos alunos de Olinda para Tapera. Ressaltem-se as dificuldades financeiras na manutenção do curso em Olinda, onde era gratuito, ao passo que em Tapera era pago, e o pequeno número de alunos interessados.

Na verdade, a Escola Superior de Medicina Veterinária de São Bento, ou seja, o curso de Medicina Veterinária, então agregado ao de Agricultura, veio a encerrar suas atividades com a colação de grau realizada em 15 de novembro de 1926, em Olinda. E com este ato, dava-se por concluído o primeiro ciclo do ensino Médico Veterinário em Pernambuco.



PRÉDIO DA REITORIA: RESGATE HISTÓRICO 1935-2009

Conceição Martins e Maria do Rosário de Fátima de Andrade Leitão (Organizadoras)



Este livro traz ao público uma importante parcela da história da Universidade Federal Rural de Pernambuco UFRPE, feita a partir de sonhos, que se tornaram realidade a custo de muito esforço, do trabalho dos gestores, docentes, servidores técnico-administrativos e alunos. Resgate histórico que foi se delineando como se estivesse sendo escrito para um futuro leitor para uma posteridade, um amante dos livros e da história da Universidade e da Arquitetura Moderna em Pernambuco. As autoras são confiantes na imperecibilidade do

papel impresso que convive com a tecnologia e os e-books.

A partir das lembranças dos entrevistados Os GUARDIÕES DA MEMÓRIA DA UFRPE agregadas à pesquisa documental, as autoras resgatam o histórico do prédio patrimônio, projetado pelo arquiteto Luiz Nunes e sua equipe, inicialmente, para ser um Reformatório de Menores que nem chegou a funcionar, pois acabou tendo suas instalações adaptadas para sediar a Escola Superior de Agricultura de Pernambuco ESAP, recém-criada pelo governador Carlos de Lima

Cavalcanti e transferida do Engenho São Bento para ocupar o espaço desse prédio naquele ano de 1938, em substituição a antiga Escola Superior de Agricultura São Bento, criada e administrada pelos Monges Beneditinos do Mosteiro de São Bento, em Olinda, Pernambuco.

Espécie de memorialistas, os professores, ex-alunos e servidores entrevistados desenham em textos suas lembranças. Em suas recordações, persiste o sentimento de um vínculo emocional entre eles e a Universidade. Os atos de lembrar e de olhar o baú de imagens e recordações resultaram no livro organizado em 05 Capítulos, que convida o leitor a “Resgatar o Passado da Universidade Federal Rural de Pernambuco”, mostra que “Preservar é Conservar”, destaca um “Pernambuco Moderno e a Arquitetura de Luiz Nunes nos anos 30”, e evidencia o “Prédio como Obra Emblemática enfatizando o Reformatório de Menores e a mudança da Escola do Engenho São Bento para Dois Irmãos”. Torna público que o Prédio da Reitoria da UFRPE ou, simplesmente, Prédio Central, como é também conhecido pela comunidade acadêmica, cuja história acaba de ser resgatada, trata-se de um exemplar singular da Arquitetura Moderna em Pernambuco e constitui um bem cultural imóvel, tombado como IMÓVEL ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO MUNICIPAL.

Ao longo do tempo, os gestores da UFRPE se preocuparam em preservar a essência do projeto arquitetônico, sempre imbuídos da consciência de preservá-lo como bem cultural importante, que perpetua um legado para a posteridade. Diante disso, as autoras convidam os leitores a viajarem no tempo, visitando os sagrados lugares da memória ao se encantarem com as fotos históricas e com os depoimentos dos entrevistados. Convidam, especialmente, a passarem a enxergar esse Prédio Patrimônio com Olhos D'alma.